AS CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DA MENTE PARA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

LEANDRO, Isabella Lopes; NETO[1], Aristinete Bernardes Oliveira[1*]
[1]Instituto Federal de Goiás, Câmpus Luziânia [*]aristinete.neto@ifg.edu.br

A discussão sobre a relação entre mente e corpo é crucial na filosofia da consciência, apresentando abordagens distintas ao longo dos anos. Descartes argumentou que a mente é separada do corpo, sugerindo que as decisões racionais devem ser livres das emoções. Em contrapartida, Merleau-Ponty defende que a consciência é inerente ao corpo, pois a apreensão é sempre situada no contexto do sujeito, englobando experiências físicas e emocionais. Esta interação entre corpo e mente reflete a complexidade do desenvolvimento da consciência, que se modifica de acordo com as experiências vivenciadas ao longo da vida. Estudos na área da neurociência demonstram que emoções e racionalidade estão interligadas, como na influência da amígdala no córtex pré-frontal, desafiando a dualidade cartesiana. Além disso, a compreensão de intencionalidade, segundo John Searle, evidencia que a mente humana está sempre se referindo a algo externo, mediada pela experiência sensorial. A máquina, por outra perspectiva, apenas simula a inteligência, conforme os debates sobre o Teste de Turing e o experimento do Quarto Chinês, que revelam os limites da Inteligência Artificial. A IA pode simular comportamentos humanos, mas precisa de intencionalidade e experiência subjetiva, o que impede que suas ações sejam de alguém que tenha verdadeira consciência. Embora algumas abordagens, como as de Marvin Minsky, sugiram que a IA possa ultrapassar a inteligência humana, essa ideia ignora totalmente a essência subjetiva da mente humana, que vai além de algoritmos e simulações. A incapacidade das máquinas e sistemas de IA de vivenciarem emoções, memórias e experiências únicas enfatiza a diferença fundamental entre seres humanos e máquinas. Portanto, enquanto a IA avança no sentido de simular respostas humanas, suas limitações permanecem constantes e evidentes em áreas que exigem uma consciência genuína, um elemento essencial da identidade e das experiências humanas. Conclui-se que a IA, por mais sofisticada que seja, não consegue ultrapassar as capacidades humanas em termos de consciência e subjetividade, e seu papel deve ser compreendido como uma ferramenta imitativa, não como um substituto da cognição humana.

Palavras-chave: Consciência; Corpo e mente; Intencionalidade; Inteligência Artificial; Subjetividade.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Goiás (n° 018/2023). LEANDRO, Isabella Lopes agradece ao CNPq pela bolsa concedida.